

(Instituto Cultural Francez, Napoli, 3/2/84

Proponho algumas hipóteses ousadas sobre a atual revolução cultural das imagens, não para defendê-las, mas para submetê-las ao debate seguinte. De fato, proponho modelo da história humana do ponto de vista da comunicação visual, recorrendo para tanto ao método da fenomenologia.

O homem natural, essa *contradictio in adiectu*, está imerso; como todo animal, em ambiente das quatro dimensões do espaço-tempo, em ambiente composto de "aventuras", isto é experiências que se aproximam e afastam. Mas o homem, ao contrário dos animais, é mudido de mãos que lhe permitem seguir as "aventuras", captá-las, aprendê-las e compreendê-las. Por tal ato o homem transforma o ambiente em circunstância composta de objetos. Isto é: o ato humano abstrai a dimensão "tempo" do ambiente, e destarte se abstrai a si próprio do ambiente. Surge; de um lado, o mundo objetivo, e do outro a existência subjetiva. Pois a existência pode manipular os objetos (resolver os problemas), mudar-lhes a forma, produzir cultura. Facas de sílex se tornam viáveis. Os objetos culturais são o primeiro médium visual, os primeiros portadores de informação armazenada e transmissível.

As mãos são controladas pelos olhos. Levou centenas de milhares de anos, até que tenhamos aprendido a olhar primeiro e agir depois, a fazer preceder a práxis pela teoria. A dificuldade a ser superada era a efemeridade e privacidade da visão: era preciso fixar a visão e torná-la puollicamente acessível. Inventar imagens. Pois as imagens são abstrações da dimensão da profundidade da circunstância, projeções de volumes sobre superfícies, (em Lascaux, por exemplo). Graças a imaginação o homem se afastou da circunstância, introduziu entre si e o mundo objetivo o terreno do imaginário que lhe permite orientação contextual, e com isto o homem se transformou em homo sapiens sensu stricto. As imagens são o segundo médium visual da comunicação humana.

As imagens sofrem de dialética interna: ao representarem a circunstância a tapam. Tendem a se tornarem opacas. O homem, em vez de orientar-se no mundo graças a imagens, passa a viver, desejar, valorar, conhecer e agir em função das imagens. Idolatria. Torna-se necessário, para vencer tal alienação, de tornar as imagens transparentes. Levou dezenas de milhares de anos até que tenhamos aprendido a explicar as imagens, a contar seu conteúdo. A arrancar os elementos imaginísticos da superfície e alinhá-los sobre fios calculáveis, a escrever linearmente. Com tal gesto da es-

crita linear o homem abstraiu a dimensao da largura da imagem, e transformou as cenas imaginarias em processos lineares, contaveis. Gracias a isto o homem adquiriu consciencia historica, conceitual, dramatica, filosofica, cientifica. Os textos sao o terceiro medium visual da comunicacao humana.

na dialectica entre texto e imagem. O proposito do texto e explicar imagens, combater sua opacidade, substituir a sua magia e seu mito pelo pensamento linear, conceitual, explicativo. Mas as imagens podem vir a ilustrar os textos, a re-traduzir sua mensagem conceitual para o nivel conceptual da magia. A historia sensu stricto pode ser vista como tal luta entre texto revolucionario e imagem conservadora. Os primeiros escrituras, (os profetas e os pre-socraticos, por exemplo), estavam concientes do seu engajamento anti-idolatrico, e constituiram-se em elite a viver historicamente contra a masse iletrada que continuava a viver magicamente. Mas a massa absorvia os textos dominantes, a traduzia em imagens, e por feedback tais imagens voltavam para a elite para penetrar seus textos. Destarte a vida magica se ia historicizando, e a vida historica se magicizava. Exemplos: a massa paga medieval, ao absorver os textos biblicos na sua imaginacao paga do eterno retorno ia se cristianizando, e a Igreja, ao absorver a imaginistica da massa ia se paganizando, (arte sacra). As imagens medievais, teoricamente a servico dos textos sagrados, iam recarregando tais textos com carga magica, e tal magia por sua vez ia provocando textos do tipo alquimia. Gracias a tal dialectica a imaginacao se ia tornando sempre mais conceptual, e a conceituacao sempre mais imaginativa. O triunfo de tal luta corpo a corpo entre imaginacao e conceituacao é o renascimento italiano, o uomo universale que concebia imaginativamente e imaginava conceitualmente.

A invencao da imprensa tornou os textos baratos e acessiveis a nova camada social: os burgueses se juntavam ao clero para viver conforme textos Vitoria dos textos sobre as imagens, com a consequente elaboracao das ciencias da natureza, da tecnologia, e finalmente a revolucao industrial e o surgir do proletariado superficialmente alfabetizado. Isto rompeu com a dialectica texto-imagem. As imagens degradadas a ilustracoes iam sendo eliminadas da vida cotidiana, e, envoltas em aura falsamente glorificadora, iam sendo isoladas em guettos do tipo museu. Os textos iam-se tornando sempre menos imaginaveis, até, com o seculo 19, passaram a serem inimaginaveis, e falseados quando imaginados, (exemplo: as equacoes da fisica

móderna). O divórcio entre os textos dominantes e as imagens dominadas e pretendidamente glorificadas levou ao divórcio da cultura em cultura científica dominante e cultura artística dominada.

Para vencer tal divórcio nefasto entre conceituação textual ímima, ginável e imaginação alienada da conceituação progressiva foram inventadas as imagens técnicas, e como primeira a fotografia. Sua função era a de tornar imagináveis os textos, e re-introduzir as imagens na vida cotidiana. No entanto, as imagens técnicas não são, como o são as tradicionais, abstrações de superfícies a partir de volumes. São superfícies compostas de pontos. A fotografia é composta de grãos de nitrato de prata, a TV de pontos eletro-magnéticos em tubo catódico. As imagens técnicas são produtos de aparelhos que projetam o universo quântico, pontual sobre superfícies aparentes, cheias de intervalos. Partem elas da abstração do fio condutor dos textos, são imagens computadas com bits de informação, são imagens "programadas". De forma que sua posição ontológica é diferente das imagens tradicionais: são elas computações bi-dimensionais a partir da zero-dimensionalidade. Como tais, são elas a quarta mediação visual para a comunicação humana.

O propósito das imagens técnicas, (propósito este não necessariamente entendido pelos seus inventores), é tornar imagináveis os textos. Isto é: inverter a relação texto-imagem entendida pelos escritos. As imagens não mais devem ilustrar textos, (servir textos), mas agora os textos devem completar imagens, (servir imagens). Não mais a consciência imaginativa e mágica a serviço da consciência conceitual histórica, mas agora a consciência histórica e seus gestos, (políticos; científicos, artísticos), a serviço da magia das techno-imagens. Todo evento histórico tende doante a ser fotografado, filmado televisionado. As imagens técnicas são a repressão dentro da qual a correnteza dos eventos históricos será armazenada para girar em repetição eterna. Pos-história e isto.

Ate recentemente o que caracterizava as imagens técnicas era serem elas irradiadas a partir de um centro programador, (fabrica de câmaras fotograficas e filmicas, emissoras de TV, fabrica de video-cassetes), rumo a receptores isolados e solitarios, os homens programados pelas imagens. A estrutura comunicologica da sociedade das techno-imagens era a de discursos centrais irradiantes, e continua sendo. Os feixes irradiadores religam os receptores aos centros: sociedade fascista. No entanto, ultimamente vão surgindo técnicas, as da telemática, que permitem

4  
-4-  
ligacoes transversais entre os receptores, ligacoes estas que correm horizontalmente atravez os feixes irradiadores. De modo que as tecno-imagens nao sao necessariamente portadores de discursos centrais imperativos mas podem vir a ser portadores de dialogos intersubjetivos. Isto é, a meu ver, o fenomeno mais interessante dessa revolucao imaginstica toda.

Por certo, atualmente é dificil estabelecerem-se dialogos autenticos telematizados. Dialogos são trocas de informacao em vista de sintese de informacao nova. Na situacao atual todos dispoem de informacoes identicas, irradiadas pelos emissores, e nao ha nada que possa ser trocado dialogicamente. De forma que os gadgets telematicos servem atualmente ao eterno retorno das mesmas informacoes permutadas de varias maneiras, (a chamada opiniao publica), e esta por sua vez serve de feed-back para os programas dos emissores. A telematica, tal qual se apresenta atualmente, reforça a ditadura dos discursos.

No entanto, é possivel que nos tornemos concientes da posicao ontologica dessas imagens, que venhamos a critica-las. De tal distancia critica compreenderemos que o significado das tecno-imagens; computacoes de bits que sao, nao é diretamente uma cena do mundo, mas um programa. Desde que assumamos tal critica, poderemos de fato passar a dialogar com outros sobre e atravez as imagens. Isto nos permitiria a estabelecermos consenso quanto a programacao futura, nao apenas das proprias imagens, mas dos aparelhos automaticos todos. Teremos retomado as redesas dos aparelhos que ameaçam atualmente a autonomizar-se.

Se identificarmos discurso com totalitarismo e dialogo com democracia, a telematica abre horizontes para sociedade cosmica democratica, para a aldeia cosmica de McLuhan. Isto é uma das virtualidades atualmente abertas, e depende de nossa capacidade critica para que seja realizada. A outra é o estabelecimento definitivo da sociedade informatica totalitaria, ceentralmente programada, com os receptores em solidao passiva e massificada de apertadores de teclas. Por certo, o futuro sera algo entre os tais dois extremos. Mas agora é o momento de engajarmo-nos para evitar o estabelecimento do totalitarismo, enquanto nos resta ainda abertura para tomar-mos o critico recuo.